

Seleção *de*
SEMIFINALISTAS
do
Prémio Internacional
PENA DE OURO
do ano de
2020

Cândido Luís Vasques (Org.)

Quarenta horas corridas

Ou a corrida dos pensamentos de uma mente em quarentena

João Lucas Vieira Nogueira

Sibilos. Sempre que fechava os olhos, via sibilos faiscentes. Enxergava-os como se pedras-lispe fossem sons para sua visão nervosa. Deitou-se na soleira fria da casa velha. Debaixo daquela pedra estavam enterrados os umbigos ressecados de seus ancestrais. Aquilo garantia a presença das velhas almas no casarão, que, de tão velho, confundia-se com as ruínas do mundo etéreo que o habitava. Tudo ali era ruína. Ruína tomada pela sublimaridade parasitária dos fungos e das sujeiras que a coloriam com a pátina do tempo. Tudo. Isso também o incluía na decadência daquela paisagem nababescamente moribunda. Sibilos efervescentes. Sons coloridos de respiração ofegante em forma de ondas eletromagnéticas inexistentes. Só surgiam quando fechava os olhos. Quando os abria, apenas as almas mofadas, pendentes há séculos de distância pelas cordas cisalhadas das lembranças malditas. Contorcia-se. Os sucos gástricos iam e vinham como montanha-russa de parque de diversões de cidadezinha pacata: às vezes piscava, às vezes eletrocutava. Mas sempre incomodava. E gritava. Gritos em forma de sibilos, quase mudos. Só ouvia quem era capaz de ver com os olhos fechados. Pôs no rosto as mãos úmidas. Não eram úmidas, molhadas mesmo. Líquido grosso, viscoso, escuro. Gosto de sangue. Gosto estranho de sibilo luminoso. Sangue que escorria da soleira, de baixo pra cima, pingando pontualmente em sua testa franzida. Franzina. Dormente. Não sabia de onde sibilava aquela dor. Sabia. Não lembrava. Lembrava. Não queria lembrar. Só lhe restavam os sibilos na memória. Todo o resto se confundiu entre mortos, paisagens carcomidas, sangue e refluxo gástrico. Se o sangue não era seu, de quem era? Se o sibilo não

era seu, de quem era? Passou a ouvir o sibilar de suas narinas ofegantes. Procurava algum oxigênio desprovido de quimeras. Tentou levantar-se. Não pôde. Tentou sentar-se. Não conseguiu mover um dedo. Estava pálido como as almas do corrimão de madeira. Aumentaram os sibilos. Via-os de olhos abertos. Ouvia aqueles raios. Enxergava aqueles sons. Tudo era potência. As almas se aproximavam, cheiravam seu rosto imundo. Também se distanciavam, acenavam sentados em antigas estrelas de outras galáxias. Podia perceber tudo com clareza. Todos os sons eram perfeitamente audíveis, como bramidos sibilantes de elefantes africanos. Enxergava o movimento da luz como se seus olhos andantes acompanhassem calmamente sua velocidade.

Silêncio.

Sibilos.

E nada mais.

Não era aquela uma casa comum, apesar de parecida com tantas outras. Não havia portão de entrada, apenas um muro alto que, da rua, só nos permitia ver o andar de cima. Suas paredes eram brancas, caiadas. Ou melhor, assim já foram um dia. Hoje, manchas de lodo, mofo e sujeira pintam suas feições muito mais do que a cal. A vegetação cresce livremente sobre o muro, como se há muito tempo não vissem a mão de um jardineiro. Fui estranhamente levado à casa por meu tio, um senhor sério e calado que nunca abriu a boca para me dizer uma palavra. Inclusive nesse também estranho dia. Simplesmente me levou até lá, mas não entrou comigo. Eu nunca tinha visto aquela casa antes, mas algo me dizia que era a casa de minha avó. Vovó nunca viveu nessa casa, mas meu coração gritava o contrário. A rua era estreita, mais estreitas eram as calçadas. Do outro lado, muros e terrenos baldios. Parei alguns segundos no

meio da via, para apreciar a decadência daquela edificação tão familiarmente desconhecida. Percebi sem nenhum espanto a falta de portões.

Em um piscar e abrir de olhos eu estava no interior. Depois parei pensando se aquele interior era da casa ou de mim mesmo. Como um exemplar barroco, não havia correspondência possível entre a fachada e sua parte interna. Eu já estava no segundo pavimento, parado em uma extremidade da casa. Tudo ali dentro era escuro, não havia janelas, não havia entradas de luz que viesse de fora. Ali onde eu estava, em uma circulação em forma de ferradura, arrodada por guarda-corpos de madeira que cercavam um grande volume denso e negro. Por sinal, todas as paredes eram pretas. Passei a andar por essa circulação, contornando esse volume, buscando uma réstia de luz que parecia vir do outro lado. Chegando ali, encontro somente uma escadaria de mármore branco que poderia me levar ao térreo, que naquela situação parecia um porão profundo. Amedrontado, desci vagorosamente aquela escada. Degrau a degrau. Meu coração disparava como quem soubesse exatamente o que ia encontrar. E encontrou. Não consegui me ver deitado naquele caixão. Fechei rapidamente os olhos. Quando abri outra vez, estava deitado em minha cama. O suor escorria na testa. O quarto estava escuro, tomado pela escuridão da noite. O caixão com meu avô morto não saía mais do meu pensamento.

Mas era só eu. Na vida, rupturas consomem as almas camufladas de singelezas e amenidades. Catapultas absurdas de sentimentos nos atiram no vai e vem do tempo. Minutos são horas, horas são dias, dias são anos e os anos, são temporais. Tempo temporana. Quando as pedras caíram deslizando sobre o céu, meus corações palpitarão em arritmia dodecafônica. A abóbada celeste relegou as ruínas de seus cimbres feito um antigo mapa-múndi para nós habitarmos.

É isso o que eu venho falando desde sempre. Nem mais palavras e nem muito menos, menos.

Ruínas nos trouxeram até aqui. Nelas pegamos carona, com elas convivemos, nelas habitamos, nelas amamos. Aprendemos a amar com as ruínas. Em ruínas deve ser o nosso amor. Confiamos em nossa redenção. Talvez acreditamos que construir seja sempre um processo desejado. Seja crescimento. Apreciar as ruínas de nós mesmos aponta outros sentidos. A precariedade de sermos eternos. A eternidade é uma velha tentando atravessar a rua.

“Baubo mostrou sua buceta risonha por pura graça, é uma moça deverasmente jocosa!”. Disse minha avó com sua cara de buceta risonha, sem jamais perceber sua graça baubônica.

São essas velhas ruinosas que nos mostram o pingar pontual do tempo sobre nossas cabeças lacônicas de pensamentos, alegrias e futilidades – são nossos verdadeiros nós de existência. Somos nós de uma grande teia. Dos outros nós escuto gritos sombrios, viscerais, abafados, lamentos. Pedem, desejam, imploram. Chegam do passado e se atam com os nós do futuro em impérios urbanos: “Constantinopla!” “Cafarnaum!”

Escrever liberta esses monstros figurativos que me habitam. Eu sou seu cimbri em ruína.

Todo o universo se refletia em mim. Na lentidão de um microssegundo esvaindo-se através das bordas dilaceradas do Tempo, que craquelava-se velho, corrompido pelo tédio das repetições ignóbeis e sem sentido. A imensidão do que é a vida aparecia ali, minúscula, feito fractal infinito de um espelho que a

refletia. Não como uma linha de acordos sucessivos e pacatos, mas como uma grande esfera, expandindo-se e contraindo-se em todas as dimensões, visíveis e invisíveis, variáveis e numéricas. Em sua volta, o céu da boca da noite salivava indecentemente cristais de luz que aos poucos abriam brechas para a chegada do dia. Aquele microssegundo congelado, lento, artístico e efêmero, ia-se embora para nunca mais voltar antes que nos déssemos conta de sua passagem. Felizmente, ou infelizmente, não nos fazia falta, pois iguais a ele ainda muitos estavam por vir. Era uma gota. Um pingar desprezioso e pontual. Maquinal e único. Artesania em série feita por um artífice demiurgo que transita entre espírito e matéria através da microscópica beleza do banal. Como se dar conta do tamanho que é a beleza de viver, se a sobrevivência nos coloca antolhos apertados como se fôssemos jumentos de cangalha? Aquelas gotas pingariam pontuais na testa franzida do mundo, abrindo-lhe frestas de sabedoria como uma tortura chinesa. Foi então que aquele microssegundo se foi. Junto dele, aquela gota-universo, fractal do tempo, fez despencar seu corpo como que o entregando ao suicídio do voo. É simplesmente orvalho que molha o nascimento brilhoso de mais um dia de trabalho.

Trabalho nunca falta no caminho. Ia chorando na boleia. Lancheira vermelha, farda engomada a caminho da escola. Todos os dias em ritual, cantarolava com o motor. Escutava seu pai contando as histórias do dia. Política, economia e futebol. Caráter forjado no balacobaco do banco do passageiro. A faixa azulada na parte de cima do para-brisa. A redinha de boneca, os crucifixos e os sapatinhos de criança pendurados no retrovisor. Fazia sempre silêncio. Aprendeu a escutar desde que percebeu que assim se fazia mais presente. A lataria amarela do caminhão suja de lama. Triste o dia que seu pai vendeu a máquina. Nervo ciático aos frangalhos. Todos os nervos. Nenhum nervo. Joelho esquerdo rompeu como o cabo da embreagem. Percebeu que o caminhão era sua versão

motorizada. Força, tenacidade e pé na estrada. Hoje, tem sua própria lataria. Como diria o Fausto do Sertão: “Cantarola na boleia enquanto eu – choro na carroceria”.

Foi aí que a mão nefasta da saudade acarinhou meu peito. Com suas unhas ressequidas, tortas e pontiagudas roçou suavemente minhas carótidas. Perambulou pelo oco de minha caixa torácica e fez um tamborim com minhas entranhas. A mão nefasta da saudade é minha companheira de todas as horas. Somos assim feito unha e carne. Ela mais unha e eu mais carne. Então, desde já, agradeço docemente por sua atenção.

Entre facas zunia sua risada. Zarolha, buscava enxergar a lâmina que lhe perfurou o tímpano. Rodava na roda entre luas. Quarto-crescentes, minguentes, opacas, desbotadas na madeira velha, carcomida. Atada por mãos e pés naquela roda embolorada, expunha sua figura raquítica. A feira engrenava enquanto gangrenas pululavam por sua cútis e sua carniça. Moradores, viajantes, ateus, bailarinas e até moçárabes paravam discretamente e lhe atiravam o aço cortante. Quando errar, acertar, acertar ou errar já não se diferenciam. Naquele caravançarâ entre macacos, soíns, cutias e cassacos. Entre pedagogos, trogloditas, políglotas e outras feras blasfemas. Sucumbia suas risadas entre vivas e mortes. Ano passado morreu deveras. Há três anos também. Doía a faca na canela, a ossatura enervava viventes memórias. Peruas cantantes bailavam entre os pés. O comércio era quente entre os quitutes de maxixe. Mexiam-se todos entre os mexericos da feira. Tangerinas citricavam os perfumes e o suor. Fedia a catinga da murraça. Entretanto, fez-se fortuna e transbordou-se alegria no exato instante em que mamãe me mandou um meme.

Pois, mamãe. Mamãe amolegava maçanetas. Não saía de casa sem antes amolegar repetidas vezes todas as maçanetas das portas. Um cacoete concebido desde quando esqueceu a tramela

do postigo da janela enviesado. Aquele esquecimento provocou-lhe desespero, ansiedade e aflição. Castigou as costeletas, pinçando pelo a pelo a dor preocupada da exposição. Temia ser vista sem que pudesse ver. Maçanetas significavam paz e segurança. Amolegá-las freneticamente trazia-lhe a confiança necessária para suportar o dia. Aquele cesto, entretanto, começou-lhe a consumir a vida. Passava mais tempo do dia a amolegar maçanetas do que vivendo propriamente dito. Receitaram-lhe um antídoto. Um colírio que lhe agigantava as retinas. Ao embaçar-lhe as vistas e não enxergar mais nada com nitidez, precisava lidar com o medo de dentro para fora. Foi aí que construiu o labirinto em si. Dizem que é um grande labirinto de portas. Em cada porta, um grande labirinto de maçanetas. E ali passa o dia inteiro, a amolegá-las.

Mamãe não gosta de carnaval. Naquele ano, o carnaval foi na praça. Cem anos atrás aquela praça era cemitério. Em volta da igreja do Rosário dos Homens Pretos se aglomeravam os foliões. Ali debaixo jaziam tranquilamente gerações daquela cidade. Todo tipo de gente apareceu na festa. Cachaça, corpos nus, beijos, música, amor e solidão. Os tambores ressoavam cada vez mais fortes, fazendo tremer o chão dos deitados. Em frente à igreja, as paredes do Palácio da Luz exalavam um odor colateral de bosta e urina. Na época em que o Palácio ainda era a residência do Governador, a praça se tornou o cemitério da cidade. Com a chegada da ideia de miasmas é que mudaram a cidade dos mortos para o São João Batista. Em cada canto da praça, rugem ferozes e solenes estátuas de leões. Montadas neles, mocinhas tiram selfies de língua e barriga de fora. Máscaras de Lula, aguardente, din-din de catuaba, chicletes, aladins, ciganas, mulher-trepadeira, homem-meme, latinos, vikings acabocladados, índias de all star, frevo, maracatu, lambe-lambe e coca-cola. Um microcosmos construiu uma redoma com os miasmas da folia. Quem passava despreocupadamente pelos arredores da praça conseguia observar o espectro. Nele

era possível entrar, mas jamais sair. Vivos nem mortos. Uma centena de anos de ex-guerrilheiros da alegria, acumulados sob os pés dos foliões. Portais dos tempos se abriram. Não se sabia distinguir quem nem o quê. Almas, novas e velhas, brincavam entre si, trocando de corpo sem parar. Era impossível reconhecer alguma lógica. Todos se amaram. Todos brigaram. Todos riram. Muitos choraram. Eu chorei. Não lembro como voltei pra casa. Não lembro se já voltei.

E ali estávamos à toa na vida. Meu amor soltou as trameças da porta, pra ouvir o som do tambor. Era a banda que vinha, numa marcha caminheira danada. Cantando coisas do amor. Do Antenor e do Agenor. Ao mesmo tempo, parecia. O velho fraco derrubou o remédio. A moça feia fez careta de azeda. Só não me irritei porque o apito ressoava ainda longe. Era a tropa do major vindo atizar o arraial. Soldado feito gado, maltrapilho e maltratado. Gado magro, sem força, disforme. Assoprando corneta com o restinho de força que tinha. Uns caíam no caminho sem fôlego. Resfolego que não faltava por aqui. Eram trinta e cinco marchando. Vi trinta e cinco cervejas frias. Copos de tédio cheios mesmo de agonia. Esvaindo sonhos pelas seteiras dos beirais. Setenta sobram sentados, caindo desfeitos no chão. Marchando, marchando fortes, pelo sol quente que ardia. Apitos e tambores rugiam, a corneta mal fadada, um pífano de rabiola soltava o agudo do céu. Meu amor desesperou, saiu da janela. A banda passava e ninguém entendia. Ninguém se entendia. A pátria enfim vingou, parece, acima de todos. Mas a banda passou, passou. Aqui debaixo, a vida continuou depois. O resfolego nunca parou. E voltou. Mas só depois. Depois que a banda passou.

Meu amor é rainha dos mouros. Cítrica e suculenta. Sensualidade em fruta despertando todos os sentidos mágicos e estéticos. Mandarina, discursando febril em línguas femininas desde nosso mais extremo oriente. Evoca o nascente em Sol e

luz sobre os caretas arcaicos. Adocica com acidez nossos lábios em estado perene de flagelo. Universo retido em fruto que, partido ao meio, revela desertos, caravanas, cachoeiras e oásis. Tudo isso cabe, com a reverência de um discípulo perante seu mestre, em sua mão macia de tangerina madura.

E foi com todo amor que sua mão jogou a chave fora. Deixou-me só, lidando com o sibilar contínuo dessa casa escura. Mamãe chora. É fogo. Afogados nesse dia quente não sabemos nem o que dizer. Vontade é o que me leve. Revelando os relevos de nossa topografia cigana. Tudo enfim é amarelo-queimado.

Não vi quando a onda me abraçou e me entreguei enfim ao infinito. Cheguei ali talvez há duas horas, ou duas noites. O tempo já não se media em horas mas escorria fluido entre meus pés e minhas pernas, a cada ida e vinda do mar. O breu da noite era de fato breu, algumas estrelas e algumas luzes de uma cidade próxima me ajudavam a distinguir algo. No início o mar era pura calma, as ondas sem força não me ofendiam o equilíbrio. Por isso fui entrando cada vez mais. A garrafa de vinho que bebia homeopaticamente aguçava-me os sentidos e me ajudava a perceber melhor o ambiente que me envolvia. A maresia lambia meu corpo queimado do sol do dia e salgava minhas mais profundas feridas.

Resolvi falar. O que me viesse à boca sem o filtro do pensamento. Palavras simplesmente arfadas, salgadas, temperadas pelo ar praieiro que me enchia os pulmões. Chorar para a imensidão do oceano e do firmamento todos os lamentos de minha vida. Aquela imensidão absorveria tudo o que fosse ruim e aquilo se dissiparia no nada. Entretanto, só consegui cantar. Cantei uma verdadeira trilha sonora para meus desejos que, naquele momento, não saberia dizer quais eram. Ao cantar Caymmi, pedi aos céus que me iluminasse. Naquele oceano de

estrelas que me cobria o mundo, vi uma única e rápida estrela cadente. Não precisava de outras, inclusive. Aquela veio a calhar para quem sabe realizar meu único pedido. Queria meu amor de volta. Não sabia o que isso significava, mas sabia que não se leva uma vida sem amar. Precisava então de meu amor de volta, talvez aquilo me redimisse. Olhei de outra forma para aquele mar que me acarinhava, banhava e esquentava. Perguntei-lhe o nome. O nome ancestral na língua primeira das coisas que compõem o mundo, aquela língua anterior à primeira língua, que não se fala, mas se entende. “Oceano Atlântico” não me parecia mais um nome adequado. Foi então que ajoelhei-me no mar e a água me chegou ao pescoço. Mantinha a garrafa fora da água e bebia com dificuldade, mas em nenhum momento parei de beber. Percebi ali, talvez uma resposta, talvez um presente. As águas brilhavam em minha volta. Havia algas que mais pareciam vagalumes marinhos que me iluminavam a cada onda. Tudo fez sentido naquele momento. A iluminação me chegou e com ela as respostas que precisava. Apaixonei-me por aquelas águas e senti que meu amor estava ali, de volta. Estava embriagado de existência que nem vi quando a onda me abraçou e me entreguei enfim ao infinito.

Esta OBRA foi
orgulhosamente editada
pela **Casa Brasileira de Livros**
na cidade histórica de **Rio Pardo**
— gaúcha, leal, e tranqueira invicta —,
no ano da graça de 2021.
Brasil (RS)



CASA BRASILEIRA DE LIVROS